

Marco Túlio Costa

□ ESCANDALOSO TEATRO DAS VIRTUDES

Ilustrações
Andrea Ebert



1ª edição
4ª tiragem
2019

 **Editora
Saraiva**

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS
GASTALDO DE OLIVEIRA
Editora: KANDY SGARBI SARAIVA
Coordenação e produção editorial:
TODOTIPO EDITORIAL
Assistente editorial: BÁRBARA PRINCE
Preparação de texto: FABIANA C. PELLEGRINI
Auxiliares de serviços editoriais: FLÁVIA
ZAMBON e LAURA VECCHIOLI
Estagiária: GABRIELA DAMICO
ZARANTONELLO
Suplemento de atividades: FABIANA C.
PELLEGRINI
Revisão: ANA LUIZA CANDIDO e ISABELA
NORBERTO
Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC
Gerente de arte: NAIR DE MEDEIROS
Projeto gráfico: LEONARDO ORTIZ
Capa: ELIS NUNES e ANDREA EBERT

**CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros (RJ)**

C874e

Costa, Marco Túlio, 1955-

O escandaloso Teatro das Virtudes / Marco Túlio
Costa ; ilustrações Andréa Ebert. - 1. ed. - São Paulo :
Saraiva, 2013.

80 p. : il. ; 21 cm. (Jabuti)

ISBN 978-85-02-20564-2

1. Teatro infantojuvenil brasileiro. I. Ebert, Andrea.
II. Título. III. Série.

13-03054

CDD: 028.5

CDU: 087.5

DE TANTO VER TRIUMFAR AS MALIDADES, DE TANTO
VER PROSPERAR A DESONRA, DE TANTO VER CRESCER
A INJUSTIÇA, DE TANTO VER AGIGANTAREM-SE OS
PODERES NAS MÃOS DOS MAUS, O HOMEM CHEGA A
DESAMIIMAR DA VIRTUDE, A RIR-SE DA HONRA, A TER
VERGONHA DE SER HOMESTO.

RUI BARBOSA

Ó SENHOR DEUS, GUARDA-NOS SEMPRE BEM
PROTEGIDOS E LIVRA-NOS DOS MAUS, POIS ELES
ANDAM POR TODA PARTE, E TODAS AS PESSOAS DÃO
VALOR ÀQUILO QUE É MAU.

SALMOS 12: 8-9

**SER GRATO AO AMOR É IGUALMENTE AMAR.
PARA GLEIDA**





QUANDO O BOM HOMEM PERDEU SUA FÉ

Então, anos e anos foram despetalados da seca flor da angústia e o bom homem retirou-se do Fórum de Justiça da comarca de Aquissepaga derrotado em sua demanda e desiludido com o sistema. Ao enfrentar a rua, o sol inclementemente obrigou-o a baixar os olhos; o caminhar trôpego, propenso a tropeços; a vista incerta das coisas. Nesse desamparo, tasteava o sentimento confuso de quem estivera preso em um porão sombrio, uma vida aguardando o pronunciamento da Justiça. A derrota o libertara, enfim.

Perdera tudo: o dinheiro e a fé. Não que almejasse muito. Pleiteava apenas o estorno de uma pequena quantia que fora descontada de sua conta bancária para o pagamento de algo que jamais havia adquirido e que nunca recebera em casa. Pura malandragem digital. Maior que o buraco no bolso, foi o oco que se abriu em seu peito, quando sua fé se esvaneceu.

Chamava-se Rui Barbosa este humilhado professor ginásial da Província de Eiras. A inocência de homem honesto o tinha levado, como um guia de cego, a procurar o caminho da Justiça. Sua inocência, uma venda sobre seus olhos, o fizera imaginar a situação como um simples laço de sapato que um juiz puxaria por uma ponta e ponto final. Situação desatada. Mas, no curso de um acontecimento que não deveria passar de erro, descuido, engano, de solução tão óbvia quanto rápida, a ingenuidade o metera no labirinto do sistema, nos corredores das obscuras legislações e ele penou anos na sala de espera de recursos, perto de se perder de si mesmo.

Virada a página daquele dia em que publicara o obituário de sua fé, não disse uma só palavra sobre a desdita. Era promessa de nunca mais. A derrota, uma cola invisível e duradoura, fechara sua boca com promessas de para sempre. Até que, numa certa noite de insônia, o silencioso inconformismo do professor encontrou sua própria saída daquele desengano. Desvencilhando-se das fibras do coração, o sentimento sentou-se à beira da cama e sussurrou ao ouvido de Rui Barbosa a sugestão de um protesto: “Ensurdecer a indiferença que encontrara com o grito alerta da presteza! Esmagar a dissimulação das leis com a mão firme da sinceridade!” – incitava-o a voz do inconformismo.

O bom homem estava convencido. A sociedade andava tão alheia às virtudes, aos valores que forjam o caráter do indivíduo, que gerava apenas um tipo de pessoa: aquela cuja alma era feita de uma substância quebradiça, in-

consistente como a areia dos castelos erguidos por crianças na praia. E essa gente de espírito destrutível cedia ao peso de qualquer argumento contrário, ao sopro de modismos, à sedução de mínimas oportunidades. Os maus exemplos estavam por toda parte e sitiavam esses frágeis castelos desprovidos de pilastras morais. “Assim como o Verbo primordial deu origem à vida, são os verbos Cobiçar, Corromper, Ter e Reinar que geraram esse apocalipse moral”, concluíra Rui.

E pelas mãos do professor o inconformismo pôs-se a moldar bonecos de massa de papel e pano, às dezenas, cada qual caricatura de uma personalidade, uma figura destacada, um fulano de posses, uma beltrana de famigerada reputação, animais humanizados e humanos animalizados. Concebeu uma população de bonecos, uma sociedade de grotescos fantoches, uma rica alegoria da pobre realidade que ele desprezava. Um bestiário desfabulado. Por fim, montou um palco nas proporções de uma banca de feira. Cortou uma placa de compensado, lixou-a, pintou-lhe um fundo vermelho, desenhou arabescos em amarelo e ao centro escreveu em letras brancas com serifas bem trabalhadas: “Teatro das Virtudes”.

E o bom homem, descrente da sociedade, resgatou a fé em si mesmo.



A TARTARUGA E SEU JULGAMENTO NO CÉU

Explicado está o início desta senda, de como chegou à feira da cidade de Aquissepaga a ruidosa novidade. Apresentava-se pela primeira vez ao público a companhia de fantoches O Trombonista de Ratolin.

Rui Barbosa, em vestes espalhafatosas e caprichosamente maquiado, colocou-se à frente do pequeno teatro e, empunhando um megafone, anunciou:

– Respeitável público! Povo de Aquissepaga, a companhia O Trombonista de Ratolin tem a honra de apresentar o Teatro das Virtudes. Nesta apresentação inaugural, vamos mostrar como a presteza no trato das causas da gente comum e a compaixão pelos injustiçados tornariam menos pesada a cruz de nossas vidas. Mas, no lugar disso, ouvimos o ronco do gigante da Justiça, deitado eternamente em seu berço forrado de processos. Nada esplêndido, convenhamos! Prestem atenção à peça intitulada *A tartaruga e seu julgamento no céu*. E, ao fecharem-se as cortinas, respondam à pergunta: haverá Justiça quando a justa sentença tarda?

Retira-se Rui Barbosa para os bastidores. Abrem-se as cortinas. O palco é um escritório austero.



NARRADOR: Havia, não faz muito tempo, um sujeito que decidia o destino de muitas pessoas, em uma terra não muito distante chamada Ratolin! (*Entra pela direita o personagem. É um juiz togado.*)

JUIZ (*ao NARRADOR*): Pensei que você faria um belo discurso sobre minha meritíssima pessoa.

NARRADOR: Oh, sim. Vamos recomeçar! Era uma vez, não se sabe se foi há pouco ou se foi há dois mil processos antes de Cristo, mas certamente ocorrido em Ratolin, um juiz, uma grande autoridade, que se chamava Inocêncio Pilatos.



JUIZ: Sou eu!

NARRADOR: Ele era muito estudado!

JUIZ: Sem dúvida, sou eu!

NARRADOR: Conhecia das leis todos os nós e ardis, pois em Ratolin as leis parecem mais um novelo de lã por mil diabos embaraçado.

JUIZ: Só para quem não é estudado. Para um juiz tão meritíssimo quanto eu, conhecedor profundo dos códigos, o fio da meada já está encontrado!



MARRADOR: Em Ratolin, a Justiça para o pobre é um calvário.
(*Entra pela esquerda o outro personagem, RUI, um pobre coitado.*)

JUIZ: E este, quem é, o que quer?

RUI: Sou Rui, um pobre coitado. Rui Barbosa, seu criado.

JUIZ: Pobre? Então, já está despachado.

RUI: Mas eu nem comecei!

JUIZ: Onde falta dinheiro, o interesse gora no ninho.

RUI: Meritíssimo, me desculpe a insistência...

JUIZ: Está desculpado. Pode ir-se agora, pois obter meu perdão já é um prêmio considerável.

RUI: Não vou. Sou um pobre homem e vou persistir até ser ouvido.

JUIZ: E a pobreza, não é uma forma de persistência? O que o trouxe aqui?

RUI: Meu pangaré Tolascado.

JUIZ: O senhor, por acaso, está brincando com minha meritíssima paciência?

RUI: Esse é o caso: furtaram meu pangaré que se chama Tolascado.

JUIZ: Entendo. O que a polícia apurou do fato?

RUI: Ela pegou o larápio.

JUIZ: Então, tudo está resolvido!

RUI: Não fosse pelo senhor tê-lo colocado na rua.

JUIZ: Ah, eu soltei o fulano? Então, deve ser mesmo inocente.

RUI: Mas como, se já tinha até confessado o furto do meu cavalo?

JUIZ: Coisa louvável admitir a culpa. E isso deve ter bastado.

RUI: Teve um bom advogado, isso sim. Pelo que soube, custou-lhe a defesa o preço de um pangaré.

JUIZ: Não foi caro.

RUI: Para mim, que fiquei sem o Tolascado, foi. Para o ladrão, que o levou de mim, foi um dia azarado, nada lucrou. No fim, só se deu bem o advogado.

JUIZ: Qual é a sua idade?

RUI: Tenho quarenta. Embora aparente um pouco mais, pelo trabalho pesado.

JUIZ: Pode apelar. Lá pelos sessenta, talvez obtenha uma sentença favorável.